

Flávio Martins Carneiro

Ainda estou sóbrio, é bom começar do início.

Não falava comigo desde sete horas da noite, quando cheguei em casa. Abri a porta e os olhos de Izabel eram um beijo, um abraço, uma festa de meninas. Nunca tinha flagrado minha mulher numa alegria tão escandalosa e muda. Segurei minhas mãos entre as suas, me puxando para as almofadas, eu esperando alguma novidade boa, ou uma declaração de amor repentina e próxima como as pequenas felicidades imaginadas. Mas não, nem te amo, nem como foi seu dia, nem quero te dizer uma coisa, palavra nenhuma, apenas essa alegria iluminada no corpo. Ficamos assim muito tempo, até que o silêncio pesasse nos meus ouvidos e me fizesse levantar pra fechar a porta esquecida aberta.

Durante toda a noite fizemos o de sempre, cada um na sua rotina, e teria sido mais uma noite como as outras não fosse a situação embaraçosa de falar sozinho.

Antes de dormir perguntei (a cada minuto jurava a mim mesmo não perguntar isso) se não queria ao menos contar sua conversa com o cigano. Continuou calada, rindo longe, de uma maneira que só pude traduzir numa frase não dita: você ainda não entendeu nada, meu amigo? Pensei em responder, não deixar que ela me vencesse, mas tão bonita assim, nua, morena, eu não quis desafinar e deitei ao seu lado sabendo que seria um sono macio.

Acordei antes, acreditando num dia mais claro, preparei

o café, esperei. Às onze horas não resisti: o ensaio, você não vai?

Não foi.

- parecia brincadeira, mais um dos jogos que ela adorava inventar. Mas dessa vez era diferente.
- escuta, quem era esse tal cigano?
- ele não tinha nada a ver com a história. Naquele dia, pouco antes de eu chegar, apareceu na porta de casa, falaram qualquer coisa. Cheguei a desconfiar dele, confesso, mas conheço bem minha mulher
- se você diz. Mais uma?
- já bebi demais.
- garçom!

Também não foi à estréia. Comecei a ficar preocupado, era uma temporada importantíssima, todo mundo sabia disso. Ligaram várias vezes, vieram buscá-la e eu mentindo a todos: está doente, não pode receber ninguém. Cancelaram o show com todos os ingressos vendidos, eu já prevendo as manchetes dos jornais, os boatos, sua carreira se fechando numa gaveta.

No terceiro dia, saiu de casa e a seguiu. Andou muito, sem falar com as pessoas que a cumprimentavam na rua, de vez em quando rindo pra um ou outro, calma, única.

Eu a conhecia demais, cada síbala, sem no entanto conseguir entender, pelo menos completamente, o motivo dela abrir mão de tudo, da voz. Nunca foi de falar muito, é verdade, e um crítico de relativa inteligência chegou a escrever que Izabel cantando era o silêncio se movendo no ar. Mas falava, como qualquer pessoa normal, e cantava muito além.

Mais do que ter ficado conscientemente muda, me irritava o fato de eu não conhecer seus planos. Dividíamos tudo, ela sempre sabia meus contos, romances, estava neles em cada linha escrita, reescrita, eu sendo seu parceiro anônimo em todas as músicas, os mínimos segredos revelados. Não sei se posso chamar de traição, mas algo parecido. Ficava das minhas leituras a delicada sensação de que nos distanciávamos um do outro nas nossas superioridades, e o terror de imaginar que ela corria mais rápido, deixando-me solitário no turbilhão das pessoas comuns.

Precisava descobrir uma causa, ou inventar. Talvez não possa falar, pensei, talvez alguma deficiência nas cordas vocais, qualquer coisa desse tipo. Sem que ela soubesse, consultei mé-

dicos, livros de medicina, psicólogos, busquei aflito uma explicação racional.

No quinto dia, desesperado, implorei uma palavra, fazia perguntas, um sim me bastava. No meio da loucura, perguntei com uma esperança infantil: você não consegue, não pode falar, é isso?

- era e não era, descobri depois. Ela de fato não queria falar, mas também não podia
- não podia por quê?
- vou beber mais uma
- eu sabia

Fica difícil descrever e me parece um pouco inútil. Depois de muita insistência, consentiu em mostrar sua língua. Estava ainda na fase inicial da mutação: no alto, bem perto da garganta, no lado esquerdo, percebi alguma coisa desenhada, uma espécie de tatuagem. Olhando com mais cuidado, vi nitidamente uma pequena clave de sol. Um calor indizível foi subindo pelo meu corpo e tive medo, medo de ver Izabel longe sabendo que não voltaria nem eu poderia alcançá-la, medo de vê-la se transformando na estrela que sempre foi. Ela riu muito do meu susto e passeou meu rosto com as duas mãos, amaciando o vazio fundo onde minhas intuições me jogavam.

Aos poucos, fui me acostumando a viver ao lado de uma imagem, acompanhando-a nas suas voltas pelo bairro, antes de escurecer. Às vezes ela parava pra tomar um sorvete, tão certa na sua leveza, cabelo liso, longo, preto, o corpo pequeno desenhado a bico de pena. Fui me acostumando a esquecê-la, enquanto a língua começava a ganhar mais desenhos, sempre muito pequenos.

- notas musicais?
- como era de se esperar. De tempos em tempos, aparecia mais uma nota pra se juntar às outras

A língua se transformando numa partitura enquanto Izabel me preparava com gestos, olhares, lábios, fazendo de mim o único expectador do que ela ensaiava sem pressa e perfeita, sua obra-prima.

Desistira de entender, talvez até já tivesse entendido. Cumpriria fielmente meu aprendizado querendo me ultrapassar a tal ponto que, acima de mim, pudesse ouvir Izabel nos seus reflexos. Abandonei todas as minhas atividades, não escrevia mais, passei a existir em função dela, do seu, quase nosso, ritmo. Os escândalos nos jornais, rádio, televisão, os telefonemas, as

armadilhas dos repórteres (sempre frustradas), nada disso tinha importância. Se eu tinha sido eleito por ela era porque tinha chances de um dia inverter as posições e elegê-la, mas para isso era preciso não me distrair, concentrar-me inteiro nas possibilidades da melodia.

- por que está me contando tudo isto?
- escolhi você
- devo agradecer?
- deve
- obrigado
- sinceramente, continuo? Acho que estou te incomodando com esse sentimentalismo todo
- sua cerveja
- Certa noite cheguei em casa com um disco.
- de quem?

Um disco. Ela continuou como estava, sentada no chão. Cheguei mais perto e permaneci em pé, com o disco nas mãos. Sabia que o presente era pra ela, recusava. Entendi que havia errado mas não sei por que estupidez, orgulho, caminhei na direção do quarto decidido a colocar o disco na vitrola. Não imaginava que a partir daquele dia não tínhamos mais aparelho de som. Sumira, junto com os dois violões e a flauta de madeira que ela ganhara do cigano.

- contei isso, claro que contei
- do cigano? Não, senhor, mas continue, foi um lapso explicável

Não bastava ter ficado muda sem me avisar? Contrariando tudo que aprendera, quebrei o disco, quebrei louças, móveis, telefone, gritei, fiz todo o barulho que sentia dentro. Depois, cansado, me encostei na parede e fiquei olhando minha mulher. Olhar começava novamente a não me satisfazer, escravo ainda das palavras, quase morto, sem forças pra esticar o braço e segurar o segredo que caminhava à minha volta incessante e cínico.

Continuava quieta, mas do cantinho dos seus olhos eu quis ver descendo uma lágrima.

- desceu?

Achei que não fosse agüentar. O silêncio afinadíssimo ia penetrando meus ossos devagarinho, me atravessando o corpo como um solo de violino. Comecei a sentir a velocidade incrível do andamento das coisas, precisava me apressar se quisesse viver o espetáculo, mas perdia o controle de tudo, enxergava

linhas entrecruzadas, fragmentos, pontos, linhas sem começo nem fim, nós, como se me pedissem pra ler de uma vez centenas de mãos.

Sentia saudades.

- se chorar paga a conta
- vou parar, não consigo mais
- bobagem. Me responde uma coisinha: vocês continuavam dormindo juntos?
- já esperava a pergunta
- se não quiser, não responde

Não fui embora porque seria suicídio viver sem ela, ou porque não resistia à fascinação de ver as notas se sucedendo, a língua na metamorfose cada vez mais rápida, formando a partitura que eu nunca soube ler mas que era na sua delicadeza carinho gravado na minha pele.

Envelheci muito nesses trinta dias. O espelho do banheiro jogava na minha cara rugas profundas e num acesso ridículo coloquei minha língua pra fora querendo vê-la transformada. Um velho estúpido, impotente, tropeçando nas fantasias que uma menina vai derramando pelo caminho.

Durante o dia, eu era tensão absoluta, qualquer ruído me assustava, um copo derrubado pelo vento na cozinha me fez ter uma crise de choro, raiva, tudo, minha própria voz me liquidava. Gritava, xingava louca, assassina, queria apertá-la contra a parede pra que ela pelo menos gritasse como eu. Izabel pluma, esperando, conhecedora dos meus intervalos.

- se você não fosse um escritor, nada disso teria acontecido
- pode ser. Aliás, tenho certeza. Mas você não percebe que eu queria, e que ela me escolheu exatamente porque eu queria ser escolhido?
- e você me escolheu pelo mesmo motivo, suponho
- não. Escolhi você porque você não acredita
- a conta?
- ainda não
- garçom, mais uma!

À noite, deitava a cabeça no seu colo e ela começava brincando meus cabelos. Dominava meu sono, perder um segundo da noite era despencar da pauta alinhavada por seus dedos compassados e o final estava tão próximo, podia quase tocá-lo. Viajávamos nos corpos cada detalhe esquecido na noite anterior, até que sobrasse apenas o que falta pra se sonhar com a próxima viagem. Meu suor na sua pele fértil era pra mim a

única garantia de estar ouvindo tudo o que ela se recusava a me dizer, esperando das suas mãos de bailarina uma brincadeira que presenteasse meus ouvidos castigados. Braços, seios, lábios, pernas, éramos os dois penetrando o instante exato em que o artista percebe a criação, em silêncio e habilidade.

- e eles?

Esqueceram.

- todos eles. Não havia mais manchetes, empresários, telefonemas, cartas, prêmios, shows, discos
- falar das noites te deixou mais calmo
- e bêbado. Vê se entende, terem esquecido significava que estava na hora
- já sei

Percebi que era a última nota porque daí em diante se recusava a abrir a boca. A música estava pronta, cravada no seu corpo, e minha grande ingenuidade foi imaginar que pudesse ouvi-la. Ela me olhou como quem nasce, fechou as cortinas do quarto, tirou a roupa e se deitou, fechando os olhos.

Reunia no seu sono sete vezes o seu nome, melhor: oito vezes, iniciando nova escala, uma oitava acima.

- você estava pronto?

- não

Fui o único a presenciar o que na verdade não era pra mim porque eu, inabilidoso, não me satisfiz. Restava apenas admirar. Enquanto a noite de mil livros voltava a cair sonora sobre tudo que eu deixei de ser, Izabel deitada na cama era um lençol, branco, estendido no varal numa tarde de sol e vento fraco. Tarde crua, de algodão, silenciosa na sua tarefa de adormecer crianças.